



II Simpósio Internacional

de Ourivesaria,
Joalheria e Design

Uma Experiência de Curadoria na Joalheria Contemporânea. *A Curatorial Experience in Contemporary Jewelry.*

VIDELA, Ana Neuza Botelho; Doutorado; Universidade Federal do Cariri
ana.videla@ufca.edu.br

Palavras chave: joalheria contemporânea; curadoria; coletivo Metal Fóssil.

A comunicação em tela tem como intuito apresentar o trabalho de curadoria em joalheria contemporânea da exposição “Rastros Corporais”, realizado pelo coletivo Metal Fóssil, em agosto de 2018, na galeria de arte contemporânea “Sem Título Arte”, em Fortaleza - Ceará. Um grupo composto por alunos egressos do curso de Design, da Universidade Federal do Cariri, se uniu com a intenção de atuar na joalheria contemporânea. A motivação para operar como coletivo veio da compreensão que nas atividades conjuntas teriam mais força e expressão do que nas individuais. A convivência no laboratório de joias permitiu vivenciar a joalheria em diferentes aspectos, tanto no aprendizado técnico visando a solução de dificuldades decorrentes dos seus projetos individuais, quanto em atividades de extensão que objetivaram a elaboração de conceitos para o desenvolvimento de projetos na joalheria contemporânea. Os resultados gerados no curso de extensão “Laboratório de experimentação em joalheria” foram selecionados para a exposição numa galeria de arte contemporânea.

Keywords: contemporary jewelry; curation; Metal Fossil collective.

The on-screen communication aims to present the curatorial work in contemporary jewelry from the exhibition “Rastros Corporais”, carried out by the collective Metal Fóssil, in August 2018, at the contemporary art gallery “Sem Título Arte”, in Fortaleza - Ceará. A group composed of students who graduated from the Design course at the Federal University of Cariri, came together with the intention of working in contemporary jewelry. The motivation to operate as a collective came from the understanding that in joint activities they would have more strength and expression than in individual activities. The coexistence in the jewelry laboratory allowed to experience jewelry in different aspects, both in technical learning aiming at the solution of difficulties arising from their individual projects, as well as in extension activities that aimed at the development of concepts for the development of projects in contemporary jewelry. The results generated in the extension course “Laboratory of Experimentation in Jewelry” were selected for the exhibition in a contemporary art gallery.

1 Introdução

Esta comunicação visa apresentar o trabalho de curadoria em joalheria contemporânea da exposição “Rastros Corporais”, realizado pelo coletivo Metal Fóssil, em agosto de 2018, na galeria de arte contemporânea “Sem Título Arte”, em Fortaleza - Ceará. Esta mostra começou a ser gestada de maneira mais efetiva em fevereiro de 2018, a partir de uma atividade de extensão relacionada ao curso de Design da Universidade Federal do Cariri – UFCA, chamada de Laboratório de Experimentação em Joalheria. Mas é preciso ressaltar que apesar do curso de extensão ter iniciado em fevereiro de 2018, a convivência e compartilhamento do laboratório de joia com alunos e egressos do curso de design permitia a troca de experiências e, ao mesmo tempo, propiciava uma atmosfera de estímulo à experimentação entre os praticantes da joalheria. Nesse contexto, o fato do laboratório permanecer aberto aos interessados em desenvolver trabalhos de joalheria permitiu que, em 2017, atendêssemos uma demanda da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior – SECITECE e lançássemos o desafio de explorar a pedra Cariri na joalheria entre os alunos e egressos do curso. O desafio dava-se sobretudo por sabermos de antemão que o mineral, muito presente na região do Cariri, é uma rocha sedimentar

pouco usada pela tradição da joalheria por ter um grau de dureza baixo e ser pouco resistente aos impactos. O resultado do projeto foi apresentado na exposição Stone Fair Fortaleza, em julho de 2017 e, em seguida, foi apresentado Verona, Itália, na Marmomacc evento internacional de pedras.

Este breve recuo no tempo das atividades de curadoria da exposição Rastros Corporais, de 2018, faz-se necessário não só para apresentar as atividades desenvolvidas no laboratório de joias, como também para situar o início da formação do coletivo Metal Fóssil. Em 2017, portanto, um grupo de alunos, Alan Araújo (26), João Côrtes (27), Dayane Araújo (26), Leonardo Ferreira (25) e Marcia Ferreira (28), hoje egressos do curso de Design da UFCA, se reuniu para formar o coletivo, cuja intenção era atuar na joalheria contemporânea. A motivação para operar como coletivo veio da compreensão que nas atividades conjuntas teriam mais força e expressão do que nas individuais. Por isso, decidiram que em alguns projetos atuariam como coletivo em paralelo com os seus trabalhos individuais na joalheria.

Ao ofertar esta atividade de extensão, portanto, demos continuidade aos trabalhos, estimulando e refinando o processo de conceituação para o desenvolvimento de peças de joalheria contemporânea. Assim, após algumas leituras de diversas áreas do conhecimento e pesquisa na recente produção do campo da joalheria de arte, a turma passou a experimentar suas propostas e pô-las em prática no laboratório de joias da Universidade.

Inicialmente, eles foram desafiados a usar a pedra Cariri, também conhecida como pedra de Santana, como o conceito das peças. Ou seja, a proposta do projeto foi adotar as características do mineral, no sentido de usar as propriedades de sua constituição, tais como o acúmulo de resíduo através da ação de longos períodos de tempo até a transformação em um mineral com as marcas das diversas camadas, como conceito para pensar o desenvolvimento das joias. De modo que, em 2018, os trabalhos resultantes do projeto foram apresentados na exposição “Rastros Corporais” na galeria de arte contemporânea “Sem Título Arte”, em Fortaleza. Os trabalhos discutiam o corpo e suas relações com o outro e o ambiente, determinado por vivências e herdado por gerações. Em 2020, apresentamos essa mesma mostra, dessa vez virtualmente por conta da pandemia e da necessidade de manter o isolamento social, no site da Galeria/Escola Atelier Mourão, no Rio de Janeiro. Como foi gravada, é possível assistir à apresentação da exposição no YouTube¹.

2 Corpo e Joalheria

Parto da ideia de que a joalheria, enquanto adorno corporal temporário, dá sentido ao corpo em consonância com os aspectos simbólicos veiculados pela vida social. Para apresentar esse argumento, estabeleço um diálogo com outras áreas do conhecimento para as quais o corpo tem um papel central nas suas reflexões.

No primoroso texto “O corpo Utópico”, Foucault (2013) nos instiga a pensar o corpo como uma *topia*, um lugar, que através da mediação de outros recursos se pode acessar uma utopia e se deslocar para outros espaços. Quer dizer, o corpo pode ser implicado nas mais diversas elaborações, as quais iniciam no próprio corpo para voltarem-se contra ele. O autor cita as tatuagens, vestimentas, pinturas e joias, que associadas ao corpo, desloca-o para outros espaços. Contudo, o corpo, na sua materialidade, é um produto do poder utópico. Quer dizer, o corpo mais os elementos que formam a linguagem, compõem a comunicação com os outros universos que dão asas às utopias, os quais, por sua vez, devolvem os seus fantasmas para o corpo material. Um bom exemplo para nos ajudar na compreensão deste argumento é o corpo da bailarina, cuja prática associada às sapatilhas, vestuários e acessórios deslocam o corpo do praticante da dança para outros espaços ou utopias, no entanto, é no corpo que as mazelas dos treinos intensos e movimentos inimagináveis aparecem na forma de danos decorrentes de torções, lesões musculares, por sobrecarga ou movimentos repetitivos.

Sob outro enfoque, trabalhos do campo da etnologia ameríndia apontam para a construção coletiva do corpo, na qual se aciona outras dimensões e formas de estar no mundo, como através dos rituais de preparação do corpo para se conectar com o universo sagrado, ou na constituição da própria pessoa, ou ainda para a ligação com outras entidades imaginárias,

¹ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=mHcCbFWNUC4&t=2542s>

situações que veremos a seguir.

Mascarar-se, maquiar-se, tatuar-se não é, exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível: tatuar-se, maquiar-se, mascarar-se é sem dúvida algo muito diferente, é fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis. Mascara, signo tatuado, pintura depositam no corpo toda uma linguagem: toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que evoca para este mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo (FOUCAULT, 2013, p:12).

De acordo com o autor, o corpo em associação com os mais diversos elementos de uso corporal, como pinturas, vestimentas, elementos decorativos e joias ativam as utopias engendradas a partir do corpo. Isto é, retira o corpo do seu espaço para “projetá-lo em um espaço outro” (Op. Cit). Por outro lado, na literatura etnológica ameríndia temos várias referências que apontam para a centralidade do corpo na constituição da pessoa, sendo sua construção feita socialmente. Ou, dito de outra forma, as elaborações da cosmologia de um grupo social passam pela reflexão sobre o corpo (SEEGER; DA MATTA; VIVEIROS DE CASTRO, 1979). É através do corpo que os ameríndios pensam a concepção, morte, nomeação e ritual, sendo, portanto, o espaço de definição e construção da pessoa. Nas pesquisas etnográficas as características tanto naturais quanto metafísica são construídas no corpo. Quer dizer, as características propriamente humanas para os Jurunas, por exemplo, são produzidas por eles mesmos no corpo, não se trata de um dado da natureza, as características humanas precisam ser engendradas. Assim, a força física, a volição ou o instinto social é desenvolvido, apurado e reforçado através de exercícios, dieta alimentares e decoração corporal, pois a reprodução humana e a socialização são derivadas de uma intervenção no corpo (LIMA, 1996).

Para Lagrou (2011), as pinturas corporais elaboradas pelos Kaxinawá funcionam como arte de construir corpos que habitam mundos. Embora essa relação cognitiva seja bastante diferente da que adotamos em nossa sociedade, pois partimos de ontologias diferentes, o que nos aproxima da experiência com o corpo é o deslocamento para outro espaço ou mundo através das pinturas, ornamentos corporais ou tatuagens. Mais especificamente, no contexto apresentado por Lagrou (2011), a decoração do corpo ou "os grafismos agem mais do que representam, produzem um corpo em relação construtiva com os fluxos que o atravessam" (Op. cit., p:762).

No caso da joalheria, diferente de outras áreas do conhecimento, o interesse em pensar o corpo dá-se tanto pela compreensão do seu objeto de estudo, a joia, quanto pelo seu papel de transformação e ativação da potente associação corpo/joia. Falar de joalheria nos leva necessariamente a falar de corpo, quer dizer, a joia está imbricada com o corpo. Integrar as reflexões sobre o corpo com disciplinas como filosofia e antropologia é trazer o debate sobre os agenciamentos provocados a partir das joias. Desse modo, o que aqui apresento é que as joias participam da construção do corpo, cujo intuito é estabelecer conexão com outras dimensões, as quais podem estar relacionadas com o sagrado, ou com a alteridade entre humanos e não humanos, ou entre o eu e o outro. Assim, o nosso interesse pela reflexão de outras disciplinas relacionadas ao corpo dá-se pela sua centralidade para a atuação na joalheria, pois, conforme Foucault nos apresenta, “o corpo é o ator principal de todas as utopias” (FOUCAULT, 2013, p:12).

Ao pensarmos a interação entre corpo e objeto na joalheria nos chama atenção o estabelecimento de uma unidade, quer dizer, a articulação entre corpo e joia nos faz refletir sobre a sensibilização que os equipamentos materiais provocam no corpo. Através dos objetos com os quais nos associamos é que o corpo adquire capacidade de experimentar um mundo de sensações. “Adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível” (Latour, 2004. p. 40). Mas a associação entre corpo e joia gera também uma afetação no seu entorno. Nessa perspectiva, destacamos dois aspectos desta articulação², de um lado, temos o coletivo formado pelo objeto e o corpo humano, e de outro, temos o envolvimento dos espectadores, os quais são afetados pela manifestação que presenciam. Assim, além do usuário da joia, o observador do híbrido é

² Ver Latour (2004). A noção de articulação indica o sujeito quando é afetado, posto em movimento por novas entidades. A vantagem que o autor vê na adoção desse termo é fazer referência aos componentes artificiais e materiais que permitem progressivamente adquirir um corpo.

afetado pela associação gerada através das entidades reveladas pela criação que permitiu o envolvimento de novas articulações. Neste sentido, a joia torna-se uma extensão do corpo, ao mesmo tempo em que envolve e afeta os espectadores da ação.

3 A Mostra

Foram selecionados, após a elaboração e produção dos projetos propostos no curso de extensão “Laboratório de experimentação em joalheria”, os trabalhos que estavam mais coadunados com a reflexão sobre a interação corpo-joia e suas articulações com o outro e o ambiente, ao mesmo tempo, marcados pela trajetória de vida de cada um. Em outros termos, os trabalhos desenvolvidos pelos membros do coletivo “Metal Fóssil” apresentaram uma força na enunciação das suas questões pessoais, as quais foram amplificadas na associação com o corpo. À vista disto, foram identificados, pelo investimento que os membros do coletivo dedicaram aos projetos que já vinham se ocupando, uma maturidade na formulação das questões através da linguagem da joalheria. Esse envolvimento mais prolongado aos projetos permitiu um apuro tanto na conceituação, quanto no processo de desenvolvimento e também no resultado final.

Outro aspecto que foi alvo de atenção foi o local para realizar a exposição, pois apesar da joalheria contemporânea tomar por base os pressupostos do campo da arte, a arte a concebe associada à função corporal (VIDELA e FRANCO, 2018). A procura do local para apresentar as peças foi baseada no entendimento que os trabalhos se davam no campo da joalheria contemporânea e, portanto, a nossa ideia era realizar a mostra num ambiente de legitimação da arte contemporânea, uma galeria de arte contemporânea. Embora já seja do nosso conhecimento uma série de trabalhos produzidos no campo das artes com a adoção da linguagem da joalheria, como no caso dos artistas modernos, Salvador Dalí, Picasso, Braque, Calder, Jean Arp, Arman, para ficar nos mais emblemáticos, ou contemporâneos como Anish Kapoor, Ai Weiwei ou o brasileiro Tunga, o contrário, a atuação de joalheiros com reconhecimento no campo das artes, é mais raro. De novo, a ideia hegemônica no campo das artes visuais é que a joalheria contemporânea faz parte das artes aplicadas. Mas as premissas que definem os campos profissionais são fluidas e alvo de constantes disputas, e são esses espaços de disputa onde ocorrem as lutas e o que elas visam manter ou redefinir (VIDELA, 2016). Nesse contexto, o local de exposição teve o sentido de um posicionamento político na defesa da joalheria como uma expressão artística e, por conseguinte, pela ocupação de equipamentos culturais dedicados à arte contemporânea.

A Joalheria Contemporânea, portanto, tem como premissa usar a linguagem da joalheria para discutir assuntos do seu tempo em articulação com o corpo. O termo também faz um paralelo com a Arte Contemporânea, campo largamente legitimado. Através da abordagem da estética relacional, compartilhamos da compreensão da arte como uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo através de signos, formas, gestos ou objetos. Diferente da arte contemporânea, o campo da joalheria contemporânea é recente e desconhecido não só do grande público, como também de setores da própria joalheria, tendo ocorrido as primeiras expressões na década de 1960. Por isso, entendemos que é de extrema importância a apresentação do segmento nos centros de referência.

Nesta exposição, conforme foi dito anteriormente, o conceito adotado nos trabalhos foi o da Pedra Cariri, no sentido da acumulação de resíduos através da ação de longos períodos de tempo, até a transformação em um mineral com as marcas das diversas camadas. Assim, os trabalhos para o presente projeto discutem o corpo e suas relações com o outro e com a interação com o ambiente, determinado tanto por vivências, quanto herdado por gerações. Ao fazer um paralelo com a Pedra Cariri, o corpo é compreendido como resultado de um trabalho de construção da pessoa através de um processo longo que perpassa as várias etapas da vida do indivíduo. A passagem pelas etapas da vida, da concepção à morte, deixa ‘vestígios’ e esses vestígios foram tratados nos trabalhos que fizeram parte da mostra “Rastros Corporais” e que a seguir passo a apresentar. Primeiro fazendo uma breve apresentação dos artistas acompanhado de seus trabalhos.

Alan Araújo, graduado em Design de Produto pela Universidade Federal do Cariri (2015), especialista em Design de Moda pelo SENAI CETIQT (2017). Foi bolsista no programa Cambada PET Design da UFCA (2012-2015), atualmente atua como designer autônomo, com joalheria e moda autoral produzidas em pequena escala. Integrante do grupo NAVE: Núcleo de

Artes Visuais Experimental, UFCA. Tem experiência nas áreas de design de produto, moda e joalheria, com ênfase no processo criativo e na pesquisa em joalheria contemporânea. Nesse projeto propõe a criação de peças encaradas como cicatrizes/condecorações acumuladas durante sua vida.

Figura 1: estomago



Fonte: Alan Araújo, 2018.

Figura 2: língua



Fonte: Alan Araújo, 2018.

Estamos em constante mudança e renovação. Saciando nossos instintos vamos colecionando cicatrizes. Desgostos, estrias, gorduras, gozos, rugas, sonhos, objetos, lembranças. Acumular – é o que fazemos com esse corpo. Pensando nisso, proponho a criação de objetos/joias, feitos para serem acumulados, sinônimos desse viver. Peças que aquele que se identifica vai saber ao que ela se refere. Ela/Ele é quem decide se serão carregadas ou guardadas, se estarão à mostra, escondidas ou disfarçadas.

Estômago, Língua e Coluna são cicatrizes minhas de meados de 2018. Trago fotos desses objetos esculpidos em pedra cariri – constituídas de muitas camadas de tempo e histórias – sobre meu corpo representando as feridas ainda abertas. No decorrer do tempo as transformo em joias, cicatrizes, condecorações (Alan Araújo, 2018).

Dayane Araújo, graduada em Design de Produto pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Foi bolsista no programa Cambada PET Design da UFCA (2014-2017), tem experiência no campo do design, atuando nas áreas de Joalheria e Artes Gráficas, principalmente no desenvolvimento e produção de joalheria comercial e realiza estudos e experimentos em joalheria contemporânea. O seu trabalho explora mecanismos e articulações para criar Joias Cinéticas, nas quais o movimento dá-se a partir da interação com o corpo que as veste. Os mecanismos desenvolvidos são inspirados no movimento das aves, animais que despertam verdadeiro fascínio, pois remetem à ideia de imortalidade ao associar o movimento da mão para dar vida aos Anéis/Aves, como se estes fossem a alma dos objetos. Da relação

do corpo em movimento e objeto inerte, formasse-se um híbrido, cuja integração gera uma cooperação, tendo por resultado a criação de novos movimentos. Com isso, a relação íntima e de troca de forças entre ambos comunica a ideia de joia como extensão do corpo, ao mesmo tempo em que envolve o espectador através de sua agência. Em outras palavras, o anel faz a mediação e testemunha a existência e intencionalidade da artista, levando o observador a ser afetado pelo que vê (Gell, 2018). O experimento teve, portanto, como finalidade estabelecer uma conexão entre design, arte e mecânica para fazer uso do sistema motor do corpo a fim de gerar o movimento dos anéis e, dessa forma, alcançar o objetivo de criar joias interativas.

Figura 3: Anel águia



Fonte: Alan Araújo, 2018.

Figura 4: Anel pavão



Fonte: Alan Araújo, 2018.

Na série de Joias foi explorado os mecanismos e articulações para criar joias cinéticas, nas quais o movimento dá-se a partir da interação com o corpo que veste. A ação e domínio da mão sobre a peça proporciona movimento que dá vida às aves, como se fosse a alma dos objetos. Para mim, as aves são o segredo da vida, enche meus olhos com sua beleza, me acalma com sua melodia esplêndida e me encanta com seus mistérios e inteligência intrínseca (Dayane Araújo, 2018).

João Côrtes, graduado em Design de Produto na UFCA, foi bolsista no Cambada PET design (2013-2017), atua nas áreas de joalheria, animação, ilustração e design gráfico. A sua linguagem parte da ideia que somos seres biopolíticos, cujo corpo muda e transforma o nosso cotidiano, pois é com ele que percebemos a realidade. No dia a dia experienciamos novas realidades a partir do que acontece ao nosso redor e afeta o nosso corpo, desde um olhar que recebemos até a roupa que escolhemos vestir. Através do que é visível e pode afetar a forma na qual estamos no mundo, João trabalha em busca de maquiar sua dor. Em situações limites, como na sua história pessoal com uma questão de pele, cria utopias para transformar e deslocar as dores para outras espaços.

Neste trabalho quis falar sobre algo que me apavora no meu corpo, convivo com a disidrose, condição que sempre me fez sentir socialmente inseguro e frustrado, por me privar de executar tarefas manuais (literalmente) e ser um gatilho para que outros demônios despertem no meu corpo, aqui eu tento tornar isto bonito, não é sobre desconstrução, é sobre como eu sempre me encontro num lugar de tentar embelezar e evitar lidar com os meus problemas, deixando que eles floresçam e criem frutos (João Côrtes, 2018).

Figura 5: Sem Título

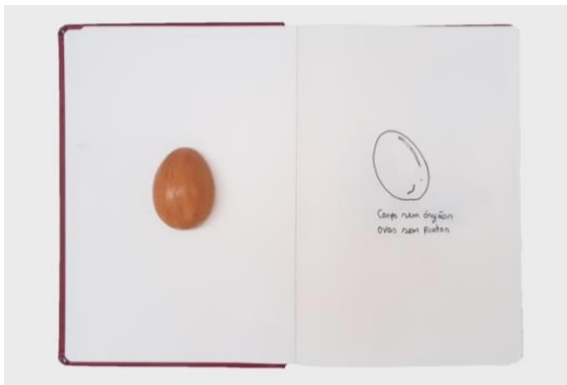


Fonte: A autora, 2018.

Leonardo Ferreira, Artista Visual, graduado em Design de Produto pela Universidade Federal do Cariri (2016). Mestrando em Design na UFPE. Membro do Núcleo de Artes Visuais Experimental da UFCA, membro pesquisador do grupo JOIA - Jogo invento artesanaria, da Universidade Regional do Cariri. Realiza trabalhos em Artes Visuais com a linguagem do desenho e na joalheria. Como tem um talento especial para o desenho, ao mesmo tempo em que nutre uma paixão pela ourivesaria, pois tem uma história familiar com o ofício, não se exime de fazer uso de algumas das linguagens artísticas nos seus trabalhos de joalheria, empregando com frequência o desenho nos trabalhos de joalheria. Assim, seus desenhos estão presentes tanto nas suas investigações com as joias e viram broches e pendentes, quanto nas artes visuais e se transformam em esculturas ou quadros. A Universidade, através da sua graduação, permitiu um aumento no fluxo do seu trabalho com o desenho e a ourivesaria, esta última identificada por ele como uma outra forma de desenhar. Enquanto a forma do ovo faz parte de uma investigação que ele trata do invólucro como uma pele e suas conexões com as sensações provocadas pelo calor, gosto, audição e sua relação com a superfície.

Meu trabalho vem de uma reflexão a respeito das relações de trabalho/ofício/labuta pelas quais passamos diariamente, cujos sinais revelam esses percursos, muitas vezes exaustivos, podendo deixar marcas no corpo e na mente de quem desenvolve um trabalho. A proposta é criar uma série de objetos/joias (Leonardo Ferreira, 2018).

Figura 6: Série Sem Título



Fonte: Leo Ferreira, 2018.

Figura 7: Série Sem Título



Fonte: A autora, 2018.

Figura 8: Série Sem Título



Fonte: A autora, 2018.

Marcia Ferreira, formada em Design de Produto na UFCA, com habilitação em joias. Nascida e criada em Caririaçu, cidade serrana da Região do Cariri, conviveu durante sua infância com a

profissão de protético do pai. De modo que foi esse ambiente que despertou seu interesse e encantamento pelo fazer. Para essa exposição a artista projetou joias que tratam da devoção ao padre Cícero e suas repercussões na cidade de Juazeiro do Norte. As formas das joias são representações da devoção que os romeiros expressão na interação com o espaço público compreendido como encantado. Muitos são os relatos que associam semelhanças entre a cidade localizada no extremo sul do Estado do Ceará com Jerusalém, daí também a chamarem de Nova Jerusalém. Assim, a Serra do Catolé ficou conhecida como “Colina do Horto” e o Sítio Veado Frio como “Santo Sepulcro”. É sobre a vivência dos romeiros com a cidade do Juazeiro do Norte que o trabalho da artista aborda.

O santo sepulcro localizado na cidade de Juazeiro do Norte – CE, nas mediações do Horto do padre Cícero, é um espaço consagrado à devoção popular, campo pedregoso repleto de objetos devocionais como cruzeiros e entalhes rochosos. Local de difícil acesso, é considerado um importante ponto de penitência para romeiros e visitantes. No imaginário popular o santo sepulcro simboliza o local em que Jesus Cristo foi crucificado, este espaço possui variações e tamanhos de rochas distintas como a pedras do pecado, pedra do joelho, pedra da escada e a pedra da coluna ambas com distintas simbologias as quais os fiéis acreditam na remissão dos seus pecados caso consigam passar entre as lacunas rochosas ou até mesmo toca-las. Neste intuito busquei como referência para projeção dos adornos a representação das rochas bem como a conduta dos penitentes com os espaços (Marcia Ferreira, 2018).

Figura 9: Remissão



Fonte: Marcia Ferreira, 2018.

Figura 10: Brinco Travessia



Fonte: Marcia Ferreira, 2018.

4 Desdobramentos

Ainda em meados de 2020, demos início ao projeto de desenvolvimento e lançamento de peças a partir da vida e obra da fotopintora cratense Telma Saraiva (1928-2015). O grupo se entusiasmou com a proposta de conhecer a trajetória profissional da artista a fim de

desenvolver peças que dialoguem com o seu universo de predileção, o cinema.

Nesta edição o coletivo sofreu alteração na composição dos membros. Uma das participantes precisou se ausentar temporariamente para tratar de questões de foro íntimo e tivemos a inclusão de um convidado. Trata-se do ourives Cícero Bento Mendonça (68), técnico do laboratório de joias da Universidade Federal do Cariri – UFCA e membro da Associação de Ourives e Lapidários da Região do Cariri, ALAMORCA, com sede na Ceart-Ce, em Juazeiro do Norte. A entidade foi fruto da organização dos ourives que compuseram o Polo Joalheiro, setor que contribui para o desenvolvimento da região desde a fundação da cidade do Juazeiro do Norte, em 1911, cuja origem provém do legado das romarias dos devotos do padre Cícero. Portanto, com a interação de joalheiros de duas diferentes gerações, contaremos com uma ação que possibilitará estimular o diálogo entre criadores da joalheria com formação e origens diversas da Região do Cariri.

Desse modo, atualmente o coletivo Metal Fóssil conta com a participação de quatro designers, Alan Araújo, João Côrtes, Dayane Araújo e Leonardo Ferreira e do Cícero Bento Mendonça, ourives com uma vasta experiência em vários segmentos do setor de joias. O grupo passou a se reunir semanalmente para conhecer e mergulhar no universo da Telma Saraiva. A criação de joias inspirada na vida e obra da fotopintora Telma Saraiva, tem como objetivo visibilizar tanto o trabalho da fotopintora, como os trabalhos dos designers culminando com lançamento da exposição em plataforma digital, no mês de julho de 2021.

Com isso, a produção cultural do Ceará, advinda do conhecimento gerado entre a tradição de um ofício aliado aos estudos da academia, é expandida através desse projeto cultural, agregando os diversos segmentos culturais, especificamente a universidade pública (UFCA), a associação de ourives ALAMORCA, e suas tradições e inovações no Ceará, no design e na joalheria brasileira.

Considerações Finais

A joalheria tem um papel muito significativo para a cidade do Juazeiro do Norte, refletindo inclusive na criação, em 2010, de um curso de design com ênfase em joias, na Universidade Federal do Cariri. Desde a fundação da cidade, em 1911, a participação dos ourives esteve sempre presente na vida social, pois fizeram parte dos rituais através das diversas tipologias da joalheria. Ou seja, desde a confecção de alianças para a realização de casamento de casais que desejavam ser abençoados por padre Cícero, quanto pelas peças usadas em batizados e na expressão da devoção religiosa, como medalhas, rosários, coroas de santos, etc.

Desde a fundação da cidade, portanto, o setor produtivo de joia passou por várias transformações. Inicialmente, a primeira transformação deu-se com a introdução da indústria de semijoias, que representou uma ameaça aos produtos confeccionados pelas oficinas de ourivesaria. Em seguida, foi esse novo segmento que sentiu os efeitos do ingresso do produto chinês, ainda mais competitivo do que era praticado pela indústria de semijoias. Mais recentemente, a mudança ocorreu pela chegada da UFCA, em 2010. Neste momento, tivemos a entrada de outro profissional do setor de joias, o designer. Mas como o potencial da Universidade é grande, pois nela os saberes se cruzam, se proliferam, gerando interesses múltiplos, outras formas de atuação na joalheria estavam por vir. Assim, além do designer, surge, no sertão cearense, outro profissional da joalheria, o artista³ joalheiro. E é neste universo que o presente projeto visou operar, através de um coletivo com interesse em atuar na joalheria contemporânea, passam a usar os paradigmas da arte contemporânea na joalheria para refletir sobre eles e o ambiente que os envolve.

Agradecimento

Para esse projeto foi fundamental o envolvimento e apoio de várias pessoas durante esse processo. Primeiramente pelas contribuições de todos que participaram e participam dos

³ Uso como referencia a dissertação “A arte do ouro, um estudo sobre os ourives do Juazeiro do Norte, de Maria Rosilene Barbosa Alvim, defendida em 1972, Programa de pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

projetos em torno da joalheria, nomeadamente aos membros do coletivo Metal Fóssil, Alan Araújo, João Côrtes, Dayane Araújo, Leonardo Ferreira, Marcia Ferreira, Cícero Bento Mendonça. À Adriana Botelho pelo incentivo, indicação da galeria de arte e aposta no nosso projeto. À Universidade Federal do Cariri por viabilizar o desenvolvimento do trabalho e apoio na execução da exposição. À SECITECE - Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior na pessoa do secretário executivo Francisco Carvalho pelo apoio e incentivo no projeto com a pedra Cariri.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão às(aos) revisoras(es) anônimas(os) pelos comentários e contribuições esclarecedoras. Espero ter resolvido, pelo menos em parte, os problemas indicados na primeira versão do artigo.

Referências

ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. (1972). A arte do ouro, um estudo sobre os ourives do Juazeiro do Norte. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. (2013). *O corpo utópico; As heterotopias* - São Paulo: n-1 Edições.

GELL, Alfred. (2018). *Arte e Agência*. São Paulo: Ubu Editora.

LAGROU, Els. (2011). Existiria uma arte das sociedades contra o Estado? *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, V. 54 Nº 2.

LATOUR, BRUNO. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. (2004). In: *Body and Society*. Texto apresentado no simpósio. v. 10. p. 205-229. 2004.

LIMA, Tânia Stolze. (1996). O dois e seu múltiplo: Reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. *Revista Mana*, 2(2): 21-47.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (1979). A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional (Antropologia)*, Rio de Janeiro, pp.32:2-19

VIDELA, Ana N. B; FRANCO, Elizabeth. (2017). TAR Contribuindo para o Entendimento da Joalheria Contemporânea. *Anais I Simpósio Nacional de Ourivesaria, Joalheria e Design*. (Belo Horizonte, MG), pp. 90-102.

VIDELA, Ana. N. B. (2016). *Joalheria, arte ou design?* Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Design. Recife.